



11º Encontro Internacional de Política Social 18º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências

Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Classe trabalhadora e mundo do trabalho

A atuação do serviço social na saúde do trabalhador em hospital militar

Tarcila Freitas de Sousa¹

Resumo: Este relato de prática tem o objetivo de compartilhar a intervenção do Serviço Social na saúde do trabalhador em um hospital militar. O cotidiano, marcado por hierarquia rígida e rotina exaustiva, tende a naturalizar o sofrimento e o esgotamento. A ação "Acolher e Cuidar" implementou Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), visando mitigar o estresse. Conclui-se que o Serviço Social é estratégico para criar espaços de acolhimento e cuidado, rompendo com a invisibilidade do adoecimento e valorizando os profissionais de saúde no contexto militar.

Palavras-chave: Serviço social; Saúde do trabalhador; Adoecimento ocupacional; Trabalho militar.

Social work activity in worker health in a military hospital

Abstract: This report analyzes Social Work interventions in worker health within a military hospital. Daily life, marked by rigid hierarchy and an exhaustive routine, tends to naturalize suffering and burnout. The "Welcome and Care" initiative implemented Integrative and Complementary Health Practices (ICHP) to mitigate stress. It is concluded that Social Work is strategic in creating welcoming and care spaces, breaking the invisibility of occupational illness and valuing healthcare professionals in the military context.

Keywords: Social Work; Worker's Health; Occupational Illness; Military Work.

1. Processo de trabalho e adoecimento no contexto militar

Levando em consideração as condições relacionadas ao processo saúde-doença do trabalhador, a categoria processo de trabalho torna-se uma ferramenta teórica fundamental nesse contexto. Segundo Laurell (1978), o conceito de processo de trabalho é fundamental para compreender o vínculo entre trabalho e saúde, pois define a interação entre o trabalhador, os instrumentos e o objeto de trabalho, além de possibilitar a investigação da historicidade do trabalho.

A utilização da categoria processo de trabalho permite questionar concepções hegemônicas nas discussões sobre saúde e trabalho, como as perspectivas multicausais, que frequentemente desconsideram as condições históricas e sociais envolvidas. Dessa forma, torna-se essencial entender o processo de trabalho como uma categoria explicativa

¹ Mestra em Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ). Email: tarcilafreitass@gmail.com.

que se insere nas contradições e nas relações sociais de produção entre capital e trabalho, englobando os meios de produção e a apropriação dos produtos, concretizada pelas diferentes formas de controle e exploração no processo produtivo (Minayo-Gomez; Thedim-Costa, 1997).

Ao considerar as condições de vida e trabalho, bem como a busca por ambientes de trabalho saudáveis, é possível observar que as transformações significativas no processo de trabalho têm sido apontadas como uma possível causa do sofrimento dos trabalhadores. Ponderando estes aspectos relacionados à precarização do trabalho e seu desencadeamento, torna-se um desafio constante para o trabalhador alimentar formas de cuidado que atuem em defesa da vida, quando o processo de trabalho se mostra fragmentado e fragilizado (Mendes; Wunsch, 2015).

Na medida em que consideramos a relação indissociável entre vida e trabalho, fica visível a associação entre trabalho e saúde. O trabalho tem a potencialidade de ser fonte de satisfação, como também de adoecimento. No que atine ao trabalho em saúde, este pode ser uma via para a autorrealização, no entanto, presenciamos cada vez mais sinais de insatisfação com o trabalho, podendo ocasionar o adoecimento nas diversas categorias profissionais que representam o setor (Assunção, 2011).

O ambiente de trabalho militar, apresenta características únicas, marcadas por uma rotina intensa e pela necessidade de lidar com situações de grande pressão emocional e física. Esses profissionais, além de desempenharem funções técnicas relacionadas a sua formação, também precisam lidar com as funções militares inseridas em um contexto hierárquico e disciplinar, o que exige uma elevada capacidade de adaptação e resiliência. No entanto, a constante exposição a altos níveis de estresse, o excesso de demandas e a sobrecarga de trabalho impactam negativamente na saúde física e mental desses militares, comprometendo tanto sua qualidade de vida quanto o desempenho das funções que lhes são atribuídas (Moreira, 2019).

Esse ambiente também é marcado por uma rotina intensa que exige constante preparação para lidar com desafios extremos, como operações, exposição a armamentos, privação de sono e isolamento social. Além das atividades peculiares relacionadas à área de atuação de cada profissional, os militares também possuem demandas adicionais, como escalas de serviço militar, encargos colaterais com funções burocráticas em setores

que nem sempre correspondem à sua formação ou especialidade (Fillipe, 2015; Halpern; Leite, 2014).

A profissão militar é caracterizada por uma série de atributos essenciais, incluindo a exposição constante ao risco de vida, rígidos padrões de disciplina e hierarquia, dedicação exclusiva às responsabilidades militares, disponibilidade para o serviço e mobilidade geográfica frequente (Santos 2023; Fillipe, 215).

Vale mencionar que a cultura organizacional das Forças Armadas impõe uma estrutura de comando verticalizada, onde a obediência e a subordinação reduzem a autonomia individual e dificultam a manifestação de dificuldades e insatisfações. “A autodisciplina e os sacrifícios exigidos, sob o pretexto de amor à pátria, exigem a autocoação, ou seja, o controle sobre os afetos” (Fillipe, 2015; Halpern; Leite, p. 139, 2014).

O grupo das praças - cabos, soldados, sargentos e suboficiais, composto por militares de menor grau de escolaridade, prestígio e poder decisório dentro da hierarquia militar, é aquele que mais vivencia, de forma intensa e cotidiana, os efeitos das estruturas de hierarquia e disciplina que regem a carreira. “[...] instituições militares possuem uma identidade marcante, nas quais a disciplina e a hierarquia são as bases para a formação dos sujeitos que delas fazem parte” (Fillipe, p. 43, 2015).

Desde a formação inicial, esses militares são submetidos a um processo de socialização institucional extremamente rigoroso, que visa à homogeneização de condutas, valores e identidades. Tal processo inclui práticas como o uso obrigatório de uniformes, mudanças na aparência pessoal, como o corte padronizado de cabelo, o cumprimento de períodos de isolamento parcial ou total, a obediência irrestrita a comandos superiores e a submissão a testes físicos e psicológicos que operam como rituais de iniciação (Fillipe, 2015; Halpern, Ferreira, Silva Filho, 2008).

Assim, a disciplina rígida pode levar à naturalização do sofrimento e à negligência de sinais de esgotamento físico e emocional. Essas barreiras ao cuidado ampliam as desigualdades em saúde dentro da corporação, atingindo principalmente os militares mais modernos, ou seja, com postos e graduações mais baixos no nível hierárquico e que, conseqüentemente, possuem menos autonomia sobre suas rotinas (Santos, 2023).

De acordo com Jesus et al. (2016), grupos profissionais como o dos militares estão inseridos em contextos ocupacionais de alta demanda psicossocial, caracterizados por sobrecarga emocional crônica, exigência permanente de vigilância e prontidão, exposição recorrente a situações críticas, jornadas laborais extenuantes e interações interpessoais intensas. Esses elementos configuram um ambiente propício ao surgimento de transtornos mentais e comportamentais.

Um fator condicionante para o adoecimento dos militares é o impacto psicossocial da profissão. A constante mobilidade geográfica, as longas ausências do convívio familiar e a necessidade de adaptação a novas organizações militares geram altos níveis de estresse e sentimentos de isolamento. As constantes movimentações representam uma fonte significativa de preocupação, uma vez que afastam o militar do seu contexto familiar, histórico e cultural. Esse deslocamento frequente pode comprometer a continuidade da escolarização dos filhos, dificultar a inserção do cônjuge no mercado de trabalho e prejudicar a construção e manutenção de vínculos sociais (Halpern, Ferreira, Silva Filho, 2008; Halpern; Leite, 2014).

Além disso, a impossibilidade de criar raízes em uma localidade específica, devido à natureza transitória da carreira, dificulta o sentimento de pertencimento. Com isso, o militar acaba por se vincular exclusivamente à sua função, encontrando, inclusive, dificuldade de estabelecer conexão com lugares, família e pessoas além do trabalho (Halpern, Ferreira, Silva Filho, 2008; Halpern; Leite, 2014).

Outra questão relevante que impacta significativamente a vida e a saúde dos militares diz respeito ao endividamento. A facilidade de acesso a crédito consignado, com parcelas descontadas diretamente da folha de pagamento, aliada à estabilidade financeira proporcionada pela carreira militar, acaba funcionando como um atrativo ao consumo excessivo e, por vezes, descontrolado (Halpern; Leite, 2014).

Halpern, Ferreira e Silva Filho (2008) identificaram em seus estudos que o consumo de álcool, por vezes, emerge como uma estratégia utilizada por militares para lidar com o estresse ocupacional e de todos os elementos destacados acima provenientes da vida militar. Os autores apontam que esse estresse advém da convivência com condutas ambivalentes de superiores, da opressão gerada pelas rígidas normas de hierarquia e disciplina, das exigências intensas do cotidiano militar, bem como das

ameaças e aplicação de punições.

Os militares tendem a resistir ao afastamento de suas atividades laborais por motivos de saúde, especialmente os militares de carreira do sexo masculino. Essa resistência está frequentemente ligada à formação militar, que incentiva a priorização do trabalho em detrimento da própria vida. Ademais, dependendo das particularidades do setor em que atuam, há também o receio de retaliações ou de prejuízos na progressão de carreira caso o militar tenha muitos afastamentos ou até mesmo um diagnóstico que possa prejudicar o desempenho da sua função (Halpern, Ferreira, Silva Filho, 2008; Halpern; Leite, 2014).

A atividade militar possui peculiaridades de exposição a eventos que podem resultar em sofrimento psíquico, pois envolvem elevadas demandas psicológicas e adaptativas, contínuos processos de rápida tomada de decisão, estágio de alerta, cumprimento rigoroso de ordens, disponibilidade integral para o serviço, relações rígidas de hierarquia e disciplina, regime de aquartelamento e distanciamento social/familiar em situações de treinamentos, operações, destaques ou movimentações, manutenção da aptidão física, compromisso com a defesa da pátria e garantia da lei e da ordem sob o juramento de sacrifício da própria vida (Santos, 2023, p. 25).

Mesmo diante desse contexto, a relação entre o trabalho e o processo saúde-doença dos trabalhadores nem sempre é evidente, muitas vezes sendo de difícil identificação. Os próprios militares têm dificuldade em reconhecer o trabalho como uma fonte de adoecimento e, quando buscam ajuda, tratam apenas os sintomas — como ansiedade, insônia e hipertensão — sem abordar a causa subjacente. A determinação do nexo causal entre a atividade laboral e o adoecimento requer uma compreensão aprofundada das condições de trabalho, dos fatores psicossociais envolvidos e das consequências para a saúde dos trabalhadores (Seligmann-Silva, 1994; Macambira; Teixeira, 2017).

Para que essa relação seja devidamente reconhecida, é necessário analisar o impacto do ambiente de trabalho na vida do trabalhador, considerando elementos como sobrecarga, exigências excessivas, falta de autonomia e suporte organizacional insuficiente. Dessa forma, torna-se fundamental compreender as interações entre os aspectos físicos e subjetivos do trabalho, bem como suas repercussões na qualidade de vida e no bem-estar dos trabalhadores (Seligmann-Silva, 1994; Macambira; Teixeira,

2017).

2. Serviço social e saúde do trabalhador: práticas de promoção da saúde no contexto do trabalho militar

Esse relato de experiência tem como objetivo compartilhar boas práticas desenvolvidas no âmbito do serviço de assistência hospitalar militar, com foco em ações voltadas à promoção da saúde dos trabalhadores militares na área da saúde.

Para além das demandas rotineiras do serviço social hospitalar ambulatorial - como atendimentos, visitas aos leitos, mediação de conflitos, acompanhamento de situações de negligência e violência, além da promoção do acesso à informação e da garantia de direitos -, este relato de experiência não se propõe a descrever tais práticas nem a problematizar o cotidiano profissional no âmbito de uma instituição militar. A intenção é evidenciar um olhar diferenciado sobre uma questão que, embora frequentemente tangencie o trabalho do assistente social, extrapola suas rotinas: o adoecimento.

Um aspecto relevante a ser destacado é a experiência da autora em um ambiente hospitalar militar. Entre 2021 e 2024, a autora atuou como militar em um hospital da Marinha do Brasil, vivenciando diretamente situações de estresse ocupacional e recorrente adoecimento entre os profissionais ali inseridos. Nesse contexto, observou-se que a sala do serviço social frequentemente se configurava como um espaço de acolhimento para os próprios militares do hospital, diante de uma rotina exaustiva. Em muitos casos, esses militares não se sentiam à vontade para expressar insatisfações em seus setores de trabalho, seja pela ausência de abertura ao diálogo, seja pelo receio de possíveis sanções por parte de superiores.

A experiência profissional acumulada e os estudos citados permitiu observar que grande parte dos militares enfrenta situações recorrentes de estresse ocupacional, sem espaços institucionais adequados para escuta, acolhimento ou desenvolvimento de estratégias que promovam o bem-estar físico e mental. A sobrecarga de trabalho, a rigidez hierárquica, o acúmulo de funções e a falta de reconhecimento contribuem para sentimentos de insatisfação no ambiente de trabalho e, consequentemente, para o

adoecimento dos profissionais (Fillipe, 2015; Santos, 2023).

A partir da identificação dessa demanda, aliada à ausência de ações direcionadas especificamente aos militares da área da saúde - os quais, embora responsáveis por prestar cuidados à família naval, nem sempre dispõem do mesmo olhar e suporte no ambiente laboral -, o serviço social iniciou, em 2022, uma série de iniciativas direcionadas a esse público. Tais ações tiveram como objetivo promover maior leveza no ambiente de trabalho e contribuir, ainda que de forma pontual, para a melhoria da saúde e da qualidade de vida no contexto laboral.

Além da atividade que será detalhada no tópico a seguir, foram desenvolvidas diversas ações voltadas aos trabalhadores do hospital militar. Entre elas, destacam-se a oferta de atividades físicas em ambientes externos, promovendo o contato com a natureza; a iniciativa “Correio do Trabalhador”, em alusão ao Dia do Trabalhador, na qual o serviço social percorreu todos os setores do hospital permitindo que os militares enviassem mensagens aos colegas; a realização de rodas de conversa com temas escolhidos pelos próprios militares; dinâmicas comemorativas em celebração ao Dia das Mães e ao Dia dos Pais; e a comemoração do Dia Internacional da Mulher, que incluiu coffee break, sorteio de brindes, tutorial de maquiagem e sessões de quick massage.

Acolher e cuidar: você em primeiro lugar!

A ação intitulada “Acolher e Cuidar: você em primeiro lugar!” consistiu na oferta de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) no ambiente hospitalar militar, direcionada aos trabalhadores no horário de expediente, com foco na promoção do bem-estar e no gerenciamento do estresse. A equipe do serviço de assistência social, composta por duas assistentes sociais e uma sargento, foram responsáveis pela atividade.

Vale ressaltar que, embora o serviço social desempenhe papel estratégico no planejamento, articulação e organização dessas ações, a execução direta das práticas integrativas não se configura como atribuição do assistente social, devendo ser realizada por profissionais devidamente habilitados, em consonância com os marcos normativos e éticos da profissão.

Em sua fase inicial, a proposta da ação teve que obter a devida autorização para sua execução pelo Conselho Gestor, composto pela direção do hospital e pelas chefias de todos os setores. Considerando a composição do Conselho Gestor, formada por militares em cargos de chefia, a intervenção do serviço social estava diretamente vinculada ao apoio e aprovação desse colegiado. A validação das ações pelo conselho foi imprescindível, não apenas para garantir sua legitimidade institucional, mas também para assegurar o engajamento das lideranças, cuja adesão foi fundamental para viabilizar a participação dos demais militares nas atividades propostas. O respaldo das chefias representou um elemento estratégico para a implementação efetiva das ações, dada a natureza hierárquica da organização militar.

Cumprir destacar que o serviço de assistência social da Marinha dispõe de recursos financeiros próprios, o que confere maior autonomia ao setor para planejar e implementar ações dessa natureza. Nesse contexto, a execução das PICS foi viabilizada mediante a contratação de profissionais especializados, em conformidade com as normativas vigentes.

O Hospital Militar contava com um efetivo de 379 militares em atuação direta, sendo 150 oficiais (86 do sexo masculino e 64 do sexo feminino) e 229 praças (130 do sexo masculino e 99 do sexo feminino). Estabeleceu-se como meta a participação mínima de 10% do contingente de oficiais e 30% do efetivo de praças.

As praças foram definidos como público prioritário para participação nessas ações, uma vez que, em geral, apresentam menor nível de escolaridade, menor remuneração e desempenham funções predominantemente operacionais ou de apoio. Ademais, ocupam posições de menor prestígio institucional e tendem a vivenciar de forma mais intensa os efeitos da subordinação no ambiente militar.

Para acontecer de uma forma mais organizada, a equipe optou pela modalidade de inscrição, sendo que cada militar poderia escolher uma prática integrativa. Foi realizada uma ampla divulgação, utilizando e-mail institucional, o jornal diário da instituição e grupos de WhatsApp. Apesar desses esforços, a equipe de serviço social enfrentou dificuldades no preenchimento das vagas durante o período de inscrição. Além disso, no dia do evento, mesmo com todas as vagas previamente preenchidas, houve um número significativo de ausências por parte dos militares inscritos.

As práticas ofertadas foram definidas pela equipe organizadora, contemplando reflexologia podal, aromaterapia, auriculoterapia e quick massage, escolhidas por seu potencial terapêutico e fácil aplicação no contexto institucional. Cada prática teve duração de 15 a 20 minutos de modo que não atrapalhasse os militares no seu horário de trabalho. O auditório, onde foram realizadas simultaneamente diversas práticas, foi cuidadosamente preparado para proporcionar aos militares uma experiência diferenciada do ambiente habitual de trabalho. O espaço contou com aromaterapia, iluminação reduzida e música instrumental, criando uma atmosfera acolhedora e propícia ao relaxamento. Ao adentrarem no local, os participantes eram orientados a evitar conversas e o uso de celulares, favorecendo a concentração e o aproveitamento pleno das atividades propostas.

Os participantes que compareceram foram convidados a realizar uma avaliação da ação, por meio da qual puderam registrar sugestões e percepções. A partir dessas avaliações, observamos que, no ambiente militar, há uma resistência considerável a novas experiências, fortemente influenciada pela cultura hierárquica. Identificou-se que muitos militares demonstravam receio ou até constrangimento em se afastar de suas atividades laborais, ainda que por poucos minutos, para cuidar da própria saúde.

Planejada como uma ação pontual a ser realizada apenas no ano de 2022, a experiência demonstrou resultados positivos, mesmo com seus limites e desafios, que levaram à sua incorporação como atividade permanente ao longo de 2023 e 2024. Nesses anos, a ação passou a ser executada trimestralmente e a cada edição contemplamos novas experiências de práticas integrativas para a tripulação.

Diante desse cenário, na segunda edição da ação, adotamos uma nova postura para que ocorresse maior adesão: mobilizamos as chefias dos setores e realizamos divulgação presencial em todos os departamentos do hospital. Muitas lideranças, além de incentivarem a participação, também aderiram à ação, incluindo o vice-diretor. Esse engajamento das chefias teve impacto direto no comportamento dos demais militares, especialmente os de menor graduação hierárquica, que passaram a participar, ainda que inicialmente com certa timidez.

A partir da segunda edição, passamos a incluir, no formulário de avaliação, sugestões de práticas integrativas para as próximas ações, sendo implementadas aquelas

mais votadas pelos participantes. Já na terceira edição e nas subsequentes, com maior familiaridade em relação às práticas, a adesão aumentou significativamente. Observou-se a formação de filas de espera logo na abertura das inscrições, além de manifestações espontâneas de interesse por parte dos militares, que frequentemente perguntavam sobre as próximas edições e faziam comentários positivos ao encontrar a equipe do serviço social nos corredores do hospital.

Embora, em seu início, tenha enfrentado desafios relacionados à adesão dos militares, a iniciativa gradualmente conquistou reconhecimento e passou a ser considerada uma referência entre os profissionais do hospital quando o tema era cuidado com a saúde mental no ambiente de trabalho.

Destaca-se a importância da participação dos próprios militares no processo de construção das ações desenvolvidas pelo serviço social. A escuta ativa, por meio de avaliações, sugestões e manifestações espontâneas, possibilitou a adequação contínua das atividades às reais demandas dos militares, tornando-as mais atrativas e efetivas. Esse movimento de participação contribuiu não apenas para o aumento da adesão, mas também para o fortalecimento do vínculo entre os militares e o serviço social, promovendo maior corresponsabilização pelo cuidado com a saúde no ambiente de trabalho e favorecendo mudanças mais alinhadas à realidade institucional.

Em síntese, ações que extrapolam o convencional configuram-se como um convite à (re)politização dos debates e das práticas em saúde no contexto militar, historicamente marcado pela pouca atenção ao bem-estar de seus próprios trabalhadores. Ao promover iniciativas voltadas à construção de um ambiente laboral mais saudável em um hospital militar, o serviço social não apenas busca atenuar o sofrimento individual, mas também fortalecer a qualidade de vida no trabalho, reafirmando que o trabalho pode ser fonte de prazer, satisfação e realização.

Nesse sentido, o serviço de assistência social hospitalar se propôs a realizar práticas institucionais com foco na promoção da saúde dos militares. Embora o ambiente hospitalar militar seja altamente disciplinado e voltado à assistência, paradoxalmente, não existem programas sistemáticos direcionados ao cuidado com os profissionais que compõem sua força de trabalho. A motivação para esta intervenção esteve, portanto, enraizada na necessidade de criar condições para que os militares que atuam no hospital

militar não apenas sobrevivam às pressões do trabalho, mas encontrem, em seu local de atuação, um espaço de apoio, valorização e cuidado com a própria saúde.

3. Referências

ASSUNÇÃO, A. A. Condições de Trabalho e Saúde dos Trabalhadores da Saúde. In: MINAYO GOMEZ. et al. (org). **A saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. P. 453- 479. Disponível em: <https://site.medicina.ufmg.br/wp-content/uploads/sites/33/2015/04/Saude-dos-Trabalhadores-da-saude_Capitulo.pdf>. Acesso em: 25 de ago. de 2024.

FILIPPE, T. D. G. **O uso abusivo de álcool em servidores militares: contribuição para ciências do cuidado**. 2015. 134f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/2577/Taisa%20Diva%20Gomes%20Felippe.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 de out. 2024.

HALPERN, E. E.; LEITE, L. M. C. Etilismo na jornada laboral: peculiaridades da vida naval. **Saúde soc.**, v. 23, n. 1, p. 131-145, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/RNWSQTGmkTdkDcJWDMhnKfn/?format=pdf&la=pt>> Acesso em: 18 de nov. de 2024.

HALPERN, E. E.; FERREIRA, S. M. B.; SILVA FILHO, J. F. Os efeitos das situações de trabalho na construção do alcoolismo de pacientes militares da Marinha do Brasil. **Cad. Psicol. Soc. Trab.** p. 273-286, 2008. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200010>. Acesso em: 05 de dez. de 2024.

JESUS, B. M. et al. Relação entre a Síndrome de Burnout e as condições de saúde entre militares do exército. **Tempus, actas de saúde coletiva**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 11-28, 2016. Disponível em: <<https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1835/1621>>. Acesso em: 29 de set. 2024.

LAURELL, A, C. Proceso de trabajo e salud. **Cuadernos Políticos**. México: D.F, n. 17, p. 59-79, jul.- set. 1978.

MACAMBIRA, D. D. C. B.; TEIXEIRA, S. M. A saúde mental do trabalhador na era do capitalismo monopolista. In: VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2017, São Luiz. **Anais...** São Luiz, UFM, 2017, p.1 -12. Disponível em:

<<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo2/asaudementaldotrabalhadoradocapitalismomonopolista.pdf>>. Acesso em 29 de dez. 2024.

MENDES, J. M. R.; WUNSCH, P. R. Elementos para uma nova cultura em segurança e saúde no trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 32, n. 115, p. 153-163, 2007. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbso/v32n115/14.pdf>>. Acesso em: 07 de set. 2024.

MINAYO-GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA, S. M. F. A construção do campo da saúde do trabalhador: percursos e dilemas. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 13, (Supl. 2), p. 21-32, 1997.

MOREIRA, T. S. V. O impacto do estresse ocupacional e Síndrome de Burnout entre militares do Exército Brasileiro. **Escola de Saúde do Exército: Revista científica**, Rio de Janeiro. v. 3, n. 3, p. 29-35, 2019. Disponível em:

<<https://ebrevistas.eb.mil.br/RCEsSEX/article/view/3208>>. Acesso em: 01 de out. 2024.

SANTOS, J. P. G. **O estresse psicológico no desempenho humano operacional de militares das forças armadas e auxiliares**: Uma revisão sistemática. 2023. 93f.

Dissertação. Universidade da Força Aérea, Rio de Janeiro. Disponível em:

<<https://www.repositorio.mar.mil.br/handle/ripcmb/846505>>. Acesso em: 13 de jan. de 2025.

SELIGMANN-SILVA. **Desgaste Mental no Trabalho Dominado**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Cortez, 1994.

SILVA, F. S. V. F. et al. Promoção da saúde do policial militar: avanços, desafios e tendências em saúde mental. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo. v. 18, n. 1, p. 194-213, 2024. Disponível em:

<<https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/1764>> Acesso em: 03 de out. 2024.